

FLORES, Tânia; LORANDI, Aline. Resenha de “Análise do discurso: as materialidades do sentido”, de Gregolin e Baronas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

RESENHA DE “ANÁLISE DO DISCURSO: AS MATERIALIDADES DO SENTIDO”, DE GREGOLIN E BARONAS

Tânia Flores¹

Aline Lorandi²

taniajfr@yahoo.com.br

aline_lorandi@hotmail.com

O livro “Análise do Discurso: as materialidades do sentido”, organizado por Gregolin e Baronas (2003) deriva de debates em torno do tema e sua ubiquidade, principalmente no que tange à pluralidade de direções de pesquisa que o discurso possibilita. Levando em consideração a necessária relação entre o verbal e o não-verbal, no tocante à imagem que compõe a capa, nota-se uma associação a uma metáfora para a não-transparência que permeia o discurso, pois o vidro estilhaçado no ar, no limiar entre a obscuridade e a não-obscuridade, sem uma força aparente que o leve a se quebrar, “reflete” a natureza essencialmente fragmentária da materialidade discursiva. Quanto à organização interna, os trabalhos dividem-se em três capítulos diferenciados segundo os objetivos a que se propõe os autores para abordar o discursivo.

O primeiro capítulo, intitulado “Discurso, esse objeto de múltiplas faces” comporta quatro textos de ordem teórica, cujos autores dirigem seus olhares para o discurso de perspectivas teóricas diferentes, como a semiótica russa com um percurso

¹ Mestranda em Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Mestranda em Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

da obra bakhtiniana e suas contribuições para os estudos da linguagem no ocidente, a semiótica greimasiana e a análise de discurso francesa de Michel Pêcheux.

No texto “O discurso sob o olhar de Bakhtin”, Beth Brait busca ilustrar o caminho da obra bakhtiniana no ocidente, quase 3 décadas após as primeiras publicações (décadas de 1970/1980), possibilitou novos olhares para a linguagem, desvinculando-a do movimento determinista a que fora submetida. Mesmo que o objeto de análise mobilizado pelo autor russo tenha sido a obra literária, segundo a autora, é inegável a contribuição de conceitos como *polifonia* e *dialogismo*, *carnevalização*, *gênero discursivo*, *cronotopo* e *plurilinguismo*. Estas, dentre tantas outras contribuições, trouxeram para o âmbito dos estudos da linguagem a inexorável necessidade de focalizar o lingüístico em sua relação com o homem e com a conjuntura sócio-histórica de sua atividade verbal. Entretanto, Brait destaca que, dentre todos os livros assinados por Bakhtin (ou Bakhtin/Volochinov), é *Marxismo e Filosofia da linguagem* aquele a que deve ser creditado o mérito de representante de uma mudança de paradigma, dado o fato contundente de que este livro mobiliza noções que exercem um papel fundamental na história do pensamento lingüístico, como a noção de signo ideológico, que entra em oposição direta com a concepção de signo lingüístico tal como postulada pelos estudos saussurianos, incorporando um caráter dialético ao signo. Essa dialética do signo faz com que a produção discursiva entre em cena como o motor das análises lingüísticas, desvinculadas, portanto, de uma tradição positiva e estruturalista. Para tanto, destacar Bakhtin como precursor de uma teoria do discurso, ligada à história e ao social não é atitude errônea, pois este pensador empreendeu um olhar à linguagem, de forma geral, que a desvinculou de toda unicidade e a retirou do campo dos discursos logicamente estabilizados. Brait faz menção à tardia entrada das obras de Bakhtin, no âmbito dos estudos europeus, enfatizando que sua contribuição, nas décadas de 70 e 80, para os estudos sobre enunciação, teorias do texto e do discurso, pressupõe a agregação de um olhar marcado pela não-aceitação de sujeitos e sentidos previamente determinados.

Baseando-se no princípio de que *construir um texto é produzir uma nova definição*, Edna Maria Fernandes do Nascimento traz à luz no artigo “Produção do texto: memória e gênese” a perspectiva da semiótica greimasiana, para tratar da constituição de textos como efeitos, ao mesmo tempo, da memória e das novas enunciações acerca de um tema. Para tanto, a autora coloca em funcionamento conceitos de Lopes (1978) acerca da existência de três categorias de interpretante que se fundem na formação de um texto. Trata-se das categorias de interpretante que são mobilizadas

para atestar, através da análise de textos jornalísticos, que a relação estabelecida entre elementos extra, intra e heterodiscursivos conduz à produção de novas definições acerca daquelas que já existem, legitimadas por saberes culturais, sociais e históricos, fazendo com que o texto apareça como produto de algo que há antes e da perspectiva de enunciação atual de seu produtor. O sentido, nesses termos, é resultado de relações lógicas, lexicográficas e discursivas, em que um discurso se funda. Para suas análises, Nascimento traz enunciados que contém um mesmo item lexical que sofre um deslizamento de sentidos, de acordo com os lugares de enunciação em que seus autores se colocam e com os objetivos propostos por cada gênero mobilizado.

Sírio Possenti em “Ainda sobre a noção de efeito de sentido” aborda a necessidade de entender que efeitos de sentido não são efeitos de significantes, mas efeitos de relações interdiscursivas mais complexas, tal como cunhado pela Análise de Discurso de filiação francesa, em oposição à concepção de sentido desvinculado de uma materialidade histórica. O autor destaca a relação entre a psicanálise (Freud e Lacan) e as formulações de Michel Pêcheux para o que se entende por sentido enquanto efeito, destacando a inexorável necessidade de suspender a soberania do significante, mostrando que o sentido não está atrelado às formas, mas é efeito de uma relação entre essas formas e uma memória discursiva. Assim, prover o conceito de uma roupagem transparente e simétrica, bem como conceber o sujeito como origem e fonte do sentido, seria negar a relação primordial entre a materialidade da língua e a historicidade, que traz sempre sentidos anteriores, atualizados numa enunciação. É, portanto, estabelecendo uma relação entre o dado (memória, cf. AD) e o novo (cf. psicanálise lacaniana) que Possenti aponta a existência de uma dialética no que se entende por efeito de sentido, o que explicita o caráter necessariamente histórico dos sentidos (posição enunciativa/repetição) capazes de atualização em instâncias enunciativas particulares (novo).

Assumindo também a perspectiva da análise de discurso de Michel Pêcheux, Maria do Rosário Valencise Gregolin em “Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria?” ancora-se na ligação das formulações da AD, concernentes ao papel da interpretação e da leitura, com as formulações de Foucault acerca do efeito-autoria em relação ao conceito de função-autor. Problematizando a existência de um sujeito fonte de seu texto, a fim de dar conta do fato de que *os sentidos nunca se dão em definitivo* e que o papel do sujeito não pode estar atrelado à unicidade, pois há uma incompletude inerente que acompanha ambos, a autora salienta a existência de um

movimento de reformulação/ deslocamento e a concepção foucaultiana de função-autor para destacar o papel da autoria como um efeito de interpretação em que o mesmo retorna através dessa rede de sentidos, mobilizada na enunciação. Opondo-se à noção de autoria caracterizada pela existência de um sujeito empírico, origem e fonte do sentido, assinante de seus textos e legitimada pela ordem histórico-social, Gregolin aborda o conceito de interpretação a partir da idéia de redes de sentido, estabelecendo a indissociabilidade entre a materialidade da língua (intradiscurso) e as redes de memória (interdiscurso), não estando o movimento interpretativo sobre textos limitado à decodificação, mas caracterizado como uma busca pelos vestígios das redes de discursos que envolvem os sentidos de um texto. Essa amalgamação de diferentes discursos no espaço do enunciável faz com que a autora mobilize, para tanto, a concepção de leitura como sendo um resgate de vestígios das redes de memórias discursivas, as quais, por suas vez, consistem em uma série sócio-histórica de trajetos de sentidos. A autoria, enquanto função, evoca a necessidade de pensar o papel da reformulação e do deslocamento, pois o sujeito que preenche com seu nome a função-autoria está na ordem do repetível porque inserido na história, dessa forma, sua produção discursiva estará na ordem do interdiscurso (memória discursiva), mas, ao mesmo tempo na ordem do novo (intradiscurso), do deslocamento desses saberes que retornam, em virtude de que *o discurso só pode ser construído em um espaço de memória, no espaço de um interdiscurso, de uma série de formulações que marcam, cada uma, enunciações que se repetem, se parafraseiam, opõem-se entre si e se transformam*. Assim, a relação autoria-interpretação-memória encontra-se intrincada numa rede de formulação/reformulação, espaço para o retorno do mesmo no novo, estabelecendo a autoria como lugar de interpretação, dado que *por estarem inseridos em diálogos interdiscursivos, os enunciados não são transparentemente legíveis, são atravessados por falas que vêm de seu exterior – a sua emergência no discurso vem clivada de pegadas de outros discursos*.

O segundo capítulo, denominado “Interpretação e Memória: nas redes do discurso”, busca aplicação teórica à análise da produção de sentido em gêneros discursivos. Nesse capítulo empreendem-se análises que visam justamente a aceder às materialidades discursivas e à produção de efeitos de sentido na perspectiva da autoria.

No texto “Autoria em coro na telenovela”, Edna Sandra Martins orienta-se pela noção de autoria tal como estudada em AD, segundo princípios de dispersão e de não univocidade. A autora focaliza a produção de um gênero discursivo de massa como a

telenovela como um produto de uma interdiscursividade e de uma intertextualidade crescentes e, muitas vezes, antagônicas. Martins parte da idéia de autoria, como centralizada em um autor, cuja autoridade inquestionável é um imaginário, dado o fato de que esta é uma problemática latente nos estudos discursivos, para tanto, propõe que a autoria seja considerada segundo os princípios da dispersão, ao que denomina *autoria dispersa*, inserida numa rede de sentidos, oriundos de uma memória histórica e social.

Abordando o fato de que, do ponto de vista discursivo, a oralidade não deve ser vista como resíduo em relação à técnica da escrita em “Das trilhas da História aos Trilhos da Central”, Nádea Regina Gaspar questiona a concepção de autoria, legitimada pela prática da escrita ao analisar narrativas orais com base nas cenas do filme *Central do Brasil*, de Walter Salles. Abordando questões colocadas pela nova história, a autora enfatiza *a autoria oral no processo interativo da identidade e alteridade no momento da enunciação*. Autoria oral, segundo Gaspar, além de se caracterizar por enunciados familiares e elementares da vida cotidiana, torna-se tema discursivo no filme e legitima o lugar de autoria, mesmo que em um gênero primário (cf. Bakhtin) daquele que produz os enunciados, pois há, em sua enunciação, julgamentos de valor da vida cotidiana já pré-estabelecidos e organizados via relações que estabelece com o social.

Mobilizando o conceito de Representação Social (RS) e partindo de que o sentido não é dado de antemão, mas construído no discurso, falando sobre quem o está usando, João Carlos Cattelan em “Matrix!?” parte do princípio de que a produção de sentidos é orientada por um conjunto de elementos culturais, sociais, históricos que, congregados, produzem uma certa representação, pois o foco do sujeito é ajustado de acordo com suas concepções, que sinalizam a intervenção de seus conhecimentos partilhados na materialidade lingüística, dado que *Uma RS, pois, não se deduz só da materialidade ou só do extradiscursivo, mas destas duas instâncias* e, além disso que *o sentido se constrói no intervalo das duas dimensões, fazendo linguagem e contexto se completarem e determinarem mutuamente*. Dessa forma, pensar em sentido como efeito, segundo o autor, é abstrair-se de uma noção de sentido e referência ontológicos ou fenomenológicos, para assumir uma posição discursiva em que sujeito e sentido entram em relação de circularidade, uma determinando o outro.

Partindo da posição de que a ironia é um gênero discursivo constitutivamente complexo, Francisco Paulo da Silva, em “A Construção da Ironia: ‘uma Pittada de Veneno’?” aborda os textos desse gênero como existentes em função de sua alusão a enunciados anteriores, cujo papel axiológico é estabelecido discursivamente. Silva

instaura o irônico como uma citação, não no sentido de reprodução, mas de deslocamento, pois o autor do texto irônico não parte do universo do autor do texto citado, retomando as palavras deste, mas concede-lhes novos sentidos, geralmente contrários. O universo axiológico de ambos é oposto, pois a citação toma a forma parodística, ironizando tudo o que está estabelecido discursivamente no texto anterior. A esse diálogo entre discursos (dado e novo) o autor chama de interdiscursividade irônica. A ironia tem um potencial argumentativo de reorientação do discurso citado, já que este está reinscrito numa outra ordem, em outro universo axiológico. Essa capacidade que o gênero irônico tem de argumentar está ligada, segundo Silva, a sua capacidade de instaurar um conflito pela/na enunciação, mobilizando para isso o interdiscurso.

A propaganda influencia ou é influenciada pelos costumes sociais? Quem fala no discurso da propaganda? Tais questões dão origem ao trabalho “Bombril e Ratinho: as vozes da sedução”, de Maria Regina Baracuhy Leite, que discorre sobre a produção de sentidos no discurso publicitário e sua composição como resultando de um trabalho da linguagem com uma memória social, com uma rede de discursos que acabam por determinar o que é dito e opacificado, num trabalho parafrástico e polissêmico. Tendo como objeto a marca Bombril e a imagem do apresentador de tv Ratinho, a autora ancora suas análises no fato de que na/pela propaganda falam vozes sociais e representações que evidenciam o papel do interdiscurso na produção de sentidos, num movimento de identificação do leitor com representações sociais.

Vislumbrando uma discussão sobre o papel da memória na interpretação, o que qualifica a leitura como gesto único e particular sempre resultante da ligação intrínseca entre texto e história, descaracterizando a concepção cristalizada de leitura como decodificação, o terceiro capítulo “Vozes e Olhares na leitura” enfatiza o lugar do leitor na construção discursiva.

No trabalho “Leitores em Leituras: mas quem deverá ser o mestre?”, Roselene de Fátima Coito, analisando textos destinados ao público infantil, indaga sobre a banalização da infância nos textos infantis, destacando que há uma leitura proveniente de fatores históricos, sociais e culturais sobre o universo infantil, que origina um processo em que a “criança” é lida através desses textos, e em que esta ganha importância enquanto leitor participante da história. Lançando o olhar sobre os textos de Clarice Lispector, direcionados a crianças, Coito focaliza a posição que o autor da obra infantil deixa transparecer sobre seu leitor. Há um leitor já delineado na discursivização

que se faz de seu universo. Esse olhar crítico sobre a imagem cristalizada da criança, faz com que a autora encontre em Clarice Lispector um deslocamento e uma concepção menos banal do texto dirigido à criança e da imagem que se faz da própria criança, pois, Lispector, tal como abordada nesse trabalho, convida a criança à réplica, à crítica e ao questionamento, movimentos que desvinculam o leitor infantil da posição de receptor passivo.

Marisa Martins Gama Khalil em “A Ordem das Interdições e dos Diálogos na Pena do Bruxo de Cosme Velho”, analisa o livro de Machado de Assis *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com a finalidade de situar a obra machadiana como processo de desmodelização do leitor do século XIX, o que permitiu a entrada em cena de outro tipo de leitor, mais ativo e em interface constante com o texto. Khalil parte do princípio de que há certas interdições na produção de sentido, interdições oriundas do próprio livro, que enfatizam sua configuração não tradicional, pois há, na obra machadiana, uma inserção do leitor em plena atividade e em constante diálogo com o narrador do texto. Partindo da concepção de dialogismo bakhtiniano, a autora considera que há um dialogismo velado como a técnica discursiva que permeia o livro de Machado, pois, não se configurando por métodos tradicionais de narração, pela passividade do leitor, mas justamente por ser um texto que invoca o leitor a uma atitude produtiva, o leitor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é instigado a interpretar e a seguir os passos do narrador.

O texto “O caso da Maleta” Maria de Fátima Cruvinel busca a compreensão da leitura como um processo que resulta de um constante diálogo entre escritor-texto-leitor. Tendo como objeto de análise o episódio *A professora e a maleta*, parte do livro *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, a autora vê que, assim como o texto concede licenças interpretativas ao leitor, coloca também limitações, como se, entre texto e leitor, houvesse um pacto. Aludindo à concepção de dialogismo bakhtiniano, Cruvinel considera que ao leitor é dado um lugar responsivo ativo, tal como desenvolvimento de Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Deste lugar, a criança produzirá respostas a seu companheiro autor, processo intrinsecamente ligado também ao tipo de gênero de discurso escolhido para abordar o leitor, pois, segundo a autora *A escolha do gênero, que se relaciona com o querer dizer do locutor, pressupõe o tipo de resposta do leitor*.

Aventando o fato de que o leitor não escapa a coerções que limitam suas possibilidades de interpretação, Valdir Heitor Barzotto, com seu texto “Olhares

Oblíquos Sobre Sentidos Não Muito Dissimulados” analisa o discursivo como efeito de um encadeamento de sentidos que se organizam não só pela ação do leitor sobre o texto, mas que também dependem de fatores como a inserção de elementos no texto e modo como isso é feito; o veículo do texto e, primordialmente, o movimento que o suporte solicita que o leitor faça no ato de leitura. Esses encadeamentos trazem à tona, para o autor, que a forma do veículo e do texto produzem efeitos sobre o ato de leitura. Para tanto, Barzotto analisa aspectos concernentes tanto à disposição do texto, quanto à tipografia e às ilustrações, de modo a salientar que a textualização se configura para orientação de um percurso de leitura.

Questionando a idéia veiculada pelos concursos vestibulares de que existe leitura errada, Roberto Leiser Baronas, escreve em “Narciso *Versus* Menocchio: a leitura como visco na memória” que as respostas dadas por vestibulandos são condicionadas por um pragmatismo característico dos tempos em que vivemos, delineador das formas de processamento de informações. Logo, os sentidos veiculados pelos estudantes ao escolherem determinada resposta é reflexo da produção de sentidos cotidiana e do lugar social que legitima os discursos, o que, de fato, segundo Baronas, destitui o valor de legitimidade da chamada leitura errada, a-histórica. Se esta leitura é efeito histórico, social e cultural, como caracterizá-la por ser errada, afinal, *Ao julgar uma leitura como “certa” ou “errada”, se está, na realidade, trabalhando com juízos de valor e não com a produção de sentidos dessa leitura, ou seja, se esta valorando positiva ou negativamente a interpretação.* Para o autor, o que existe é uma *leitura esperada* e não confirmada, em função de que devem ser levados em conta como e por que são produzidos, bem como de que lugar os sentidos emanam.

Por fim, destacamos a relevância da pluralidade dos olhares, sempre oblíquos, dos autores, que mobilizaram em suas análises objetos atuais e condizentes com a necessidade de pesquisas ligadas a gêneros discursivos contemporâneos, já que estes, além de serem determinados por necessidades do homem, são também determinantes de modos de pensar, pois enredados na rede discursiva da memória e da história.

Importa mencionar que esta publicação auxilia o leitor a fazer uma inserção na ceara do discurso, já que constituída de vocabulário específico, bibliografias direcionadas e análises que abrangem, de forma clara, a teoria, propiciando, tanto ao leitor iniciante, quanto ao leitor habituado a transitar pelos domínios do discursivo, olhares outros.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2003.